

Síntese da Conjuntura Sector Eléctrico e Electrónico

3º trimestre de 2011

Desaceleração económica

1. Conjuntura Sectorial

1.1 Volume de Negócios

Volume de Negócios	3º trim. 2011	4º trim. 2011
Mercado Português	2,3	2,4
Mercado Externo	2,4	2,4

Abaixamento generalizado do Volume de Negócios no 3º trimestre, em que a realidade ficou abaixo das previsões. Note-se que no trimestre anterior, sobretudo para o Mercado Externo, as previsões eram superiores. A estabilização do nível de actividade parece ir ser a regra no 4º trimestre, mas a nível abaixo do “Razoável”.

1.2 Carteira de Encomendas

Situação análoga à do “Volume de Negócios”: reduzem-se as perspectivas de melhoria da “Carteira de Encomendas”, com maior ênfase no mercado externo.

Carteira de Encomendas	2º trim. 2011	3º trim. 2011
Mercado Português	2,4	2,4
Mercado Externo	2,3	2,5

1.3 Emprego

Emprego	4º trim. 2010	1º trim. 2011
Qualificado	3,0	3,1
Não Qualificado	2,9	3,0

Melhoria nos índices de Emprego, pode parecer surpreendente, mas acontece, quer no emprego qualificado, quer no não qualificado. Subentende-se, pelos indicadores de Volume de Negócios e Carteira de Encomendas, que existe desaceleração económica significativa, com maior incidência no 3º trimestre, mas, pelo indicador Emprego, colocam-se algumas dúvidas quanto à intensidade da situação.

1.4 Propensão ao Investimento

Investimento	2º trim. 2011	3º trim. 2011
Propensão a investir	2,4	2,4

A Propensão a Investir volta a cair, em consonância com a quebra de dinamismo económico ao longo de 2011.

1.5 Situação Financeira

Indicadores	2º trim. 2011	3º trim. 2011
Tesouraria/Liquidez	2,8	2,7
Dívidas de Clientes privados	2,6	2,5
Dívidas Estado e Sector Público	2,6	2,6
Acesso ao crédito	2,7	2,7
Custo do crédito	2,7	2,7
Seguro Crédito à Exportação	2,3	2,3

O único indicador financeiro que apresenta deterioração é a “Tesouraria/Liquidez”, mas não por maiores dificuldades no “Acesso ao Crédito” (que melhorou o respectivo índice), nem por atrasos nos pagamentos de Clientes ou do Estado e do Sector Público, cujos índices também melhoraram. O próprio “Custo do Crédito” registou melhoria. Poderá estar a razão da deterioração de Tesouraria em algum atraso nos pagamentos de clientes externos. Refira-se ainda que o “Seguro de Crédito à Exportação” experimentou também ligeira melhoria, embora seja pouco utilizado pelas empresas do Sector.

1.6 QREN

QREN	2º trim. 2011	3º trim. 2011
Aprovação de projectos	3,6	3,3
Pagamento de participações	3,4	3,3

Um ligeiro abaixamento nos índices deste indicador, não lhe fazem baixar o estatuto de “Razoável” desempenho. Ou seja não são os atrasos na “Aprovação de projectos” e no “Pagamento de participações” do QREN que estarão a travar as possibilidades de

recuperação. Será talvez o reduzido número de projectos de investimento que se candidatam a este programa, por causa duma medíocre Propensão a Investir.

Resumindo: o Sector Eléctrico e Electrónico, depois de um ano de recuperação (parcial) dos níveis de actividade em 2010, enfrentou em 2011 um 1º semestre de abrandamento económico, mas ainda com razoável actividade das empresas exportadoras. No 2º semestre parece intensificar-se o abrandamento, que agora começa a afectar, também, algumas empresas exportadoras. Os números do INE para o Cap. 85 da NC no período Janeiro – Agosto de 2011, mostram um crescimento (em valor) da Exportação de 14% . Ora, no 1º trimestre do ano, a Exportação tinha crescido 20%, e no 1º semestre 15%. O abrandamento existe mas ainda não é significativo. Terá de se aguardar pelo comportamento das vendas ao exterior no último trimestre. Admitimos, em termos anuais, um comportamento ligeiramente positivo da Exportação. As vendas no mercado português continuarão a deteriorar-se.

2. Conjuntura Portuguesa

- O Governo apresentou o OE 2012 em que inclui medidas restritivas da Procura, de que salientamos: suspensão de Subs^o s de Férias e de Natal para os trabalhadores do Sector Público e Pensionistas; aumento do IVA, com a passagem de bens e serviços da taxa reduzida (6%) e da intermédia (13%) para a taxa normal (23%), a que se adicionam cortes nos orçamentos da Saúde, Educação e Segurança Social. Também o investimento público registará uma quebra significativa.
- Perante o conjunto de medidas anunciadas no OE 2012, que conduzirão a uma quebra pronunciada da actividade económica, são agora duas as correntes de opinião:
 - a que defende que o Governo deveria em simultâneo introduzir medidas de estímulo à Economia. Se essas medidas de estímulo são pela via orçamental, traduzir-se-ão em aumento da Despesa Pública. Parece pouco lógico aplicá-las, estando o Governo tão empenhado em reduzir essa Despesa.;
 - a que defende que o Governo deve actuar prioritariamente sobre o crédito à economia, injectando a liquidez necessária que impeça a redução do crédito concedido às empresas. A Banca foi obrigada, por força do acordo com a Troika, a reduzir o rácio de transformação de Depósitos em Crédito, o que tem procurado fazer atraindo mais depósitos (pelo aumento da remuneração dos mesmos), e reduzindo o crédito concedido. E é desta redução do crédito que os agentes económicos se queixam.
- O **Banco de Portugal** voltou a rever em baixa a evolução da Economia Portuguesa no seu Boletim Económico de Outono:

	2011	2012
Consumo Privado	- 3,8%	- 3,6%
Consumo Público	- 3,3%	- 4,1%
Investimento	- 11,4%	- 10,8%
Exportação	6,7%	4,8%
Importação	- 4,1%	- 2,8%
PIB	- 1,9%	- 2,2%

3. Conjuntura Internacional

- A **cimeira dos países da Zona Euro**, trouxe alguns acordos relativamente à Grécia, Banca Europeia e Fundo Europeu de Estabilização Financeira (FEEF): a Grécia viu ser-lhe perdoada a sua Dívida em metade; os Bancos europeus mais expostos a essa Dívida poderão recapitalizar-se. Para tal será criado um Fundo no valor de 106 mil milhões de Euros. Relativamente ao FEEF, não haverá reforço das verbas dos países da Zona Euro, mas serão utilizados processos de engenharia financeira na tentativa de atrair financiamento de 3^{os} países.
- Nos **EU América** o crescimento dos preços no consumidor foi de 3,9%, e registou-se uma criação líquida de 103.000 postos de trabalho em Setembro. Notícias positivas vêm do mercado da Habitação: em Julho o índice de preços das casas aumentou 0,9% face ao mês anterior, embora o nível de preços seja inferior em 4,1% a Julho de 2010.
- O crescimento económico na **China** foi, até Setembro, de 9,1%, e o Governo prevê abrandamento em 2012, por força da crise europeia. No **Japão**, a indústria lentamente, enceta a recuperação, com um crescimento da Produção Industrial de 0,6% em Agosto.
- Eis as previsões mais recentes (Outubro 2011) de evolução económica no mundo:

	2011	2012
EU América	1,6%	1,9%
U E – Zona Euro	1,6%	0,6%
Alemanha	2,8%	1,0%
Espanha	0,7%	0,3%
<i>Portugal</i>	- 1,9%	-2,8%
China	9,0%	8,6%
Japão	- 0,4%	2,2%

- As previsões, todas elas, estão abaixo das elaboradas há 3 meses atrás. Há já quem afirme que o período 2010 – 2011 foi apenas de recuperação parcial, provocado fundamentalmente pela reconstituição de stocks. A **Europa – Zona Euro**, para além dos problemas do abrandamento económico mundial, defronta-se com a crise financeira dos países mais endividados, com reflexos negativos em toda a região. Os **EU América** apesar de uma reacção mais forte aos efeitos da crise, com a injeção maciça de Dólares na economia e taxa de juro perto do zero, continuam com um nível global da Procura insuficiente; na **China**, o principal problema é a contenção da inflação (acima dos 6%), o que originou a introdução de restrições ao crédito, com o previsível abrandamento económico em 2012.

Allegro de Magalhães
ANIMEE – Serviço de Economia